

O governo suspendeu ontem a moratória unilateral decretada impensadamente em fevereiro de 1987 sob a inspiração dos pais do Plano Cruzado e do PMDB, que provocaram este gesto de soberania nacional"... É o fim de uma curta mas penosa jornada à qual a economia brasileira foi desnecessariamente forçada. Afirmou-se que a decisão era inevitável para preservar as reservas cambiais e evitar a sangria de recursos para o Exterior.

Não obstante, sabia-se, e se confirma hoje, que tudo não passou de um gesto político de efeito interno, no mínimo irresponsável. Agora, reatamos as relações com a comunidade financeira internacional, embora os governadores de Estado, muitos dos quais maus pagadores contumazes — veja-se o que devem ao Tesouro... —, e o sr. Ulysses Guimarães estejam protestando, insatisfeitos com o mal que já fizeram. Que falem, porque, felizmente, ninguém

mais os ouve, como os ouvia antes, nos desvarios do Plano Cruzado. Quando muito, poderão disseminar intrigas contra o ministro da Fazenda.

Em apenas alguns meses, o sr. Mailson da Nóbrega conseguiu de forma surpreendente pôr em ordem as contas externas do Brasil, levando-o à racionalidade. Seu plano foi dividido em quatro etapas. Primeiro, urgia reatar relações e acertar as contas com os bancos estrangeiros. Já a segunda etapa consistia no fechamento do acordo com o Fundo Monetário Internacional, sendo a terceira a difícil negociação com o Clube de Paris. Estas três foram cumpridas com eficiência exemplar, sem estardalhaço e sem o envio de numerosas comitivas ao Exterior. Nada disso foi necessário. O estilo era outro, porque outro o objetivo. Não se pretendia fazer notícia, vender uma imagem populista no Brasil, "mobilizar a Nação", mas concluir um acordo que atendessem aos interesses do País. E, para

tanto, os técnicos brasileiros, lá fora e aqui, eram suficientemente capazes de negociar sem gestos napoleônicos, ou clarinadas.

Hoje, inicia-se a última etapa do trabalho do ministro Mailson da Nóbrega: trata-se da redução do estoque da dívida, da obtenção de mais recursos via investimento e emissão de bônus. Estes, na verdade, são os objetivos primordiais que só poderiam ser atingidos com a superação das etapas anteriores e a anulação do clima de confronto ingênuo ao qual se lançara o País.

Já se fazem sentir os resultados conseguidos pelo ministro Mailson da Nóbrega em menos de nove meses. Em recente reunião de banqueiros e técnicos internacionais, promovida em São Paulo pela revista *Euro money*, os participantes manifestaram não apenas seu interesse em voltar a investir no Brasil, como também seu empenho em encontrar fórmulas criativas que permitam aumen-

tar o fluxo de capitais para um país que, há alguns meses, estava rompido financeiramente com o mundo. É surpreendente!

O ministro está viajando para a Europa e Nova York, onde assinará o acordo com os bancos, o qual prorroga por 20 anos a maior parte da dívida externa brasileira. É o fim da primeira fase de um trabalho em cujo êxito poucos acreditavam e contra o qual muitos lutaram. O acordo foi feito e, ao contrário do que afirmavam os políticos, não ferimos a "soberania nacional" — este *slogan* dos demagogos — nem mergulhamos na recessão.

Só não compreendemos que a Nação se tenha deixado enganar por eles, em 1987...

Nem entendemos também por que não se reage a insinuações maldosas, como as do sr. Orestes Quércia, que ora espalha boatos sobre a lisura do excepcional trabalho realizado pelo ministro Mailson da Nóbrega, a quem a Nação, neste momento, muito deve.